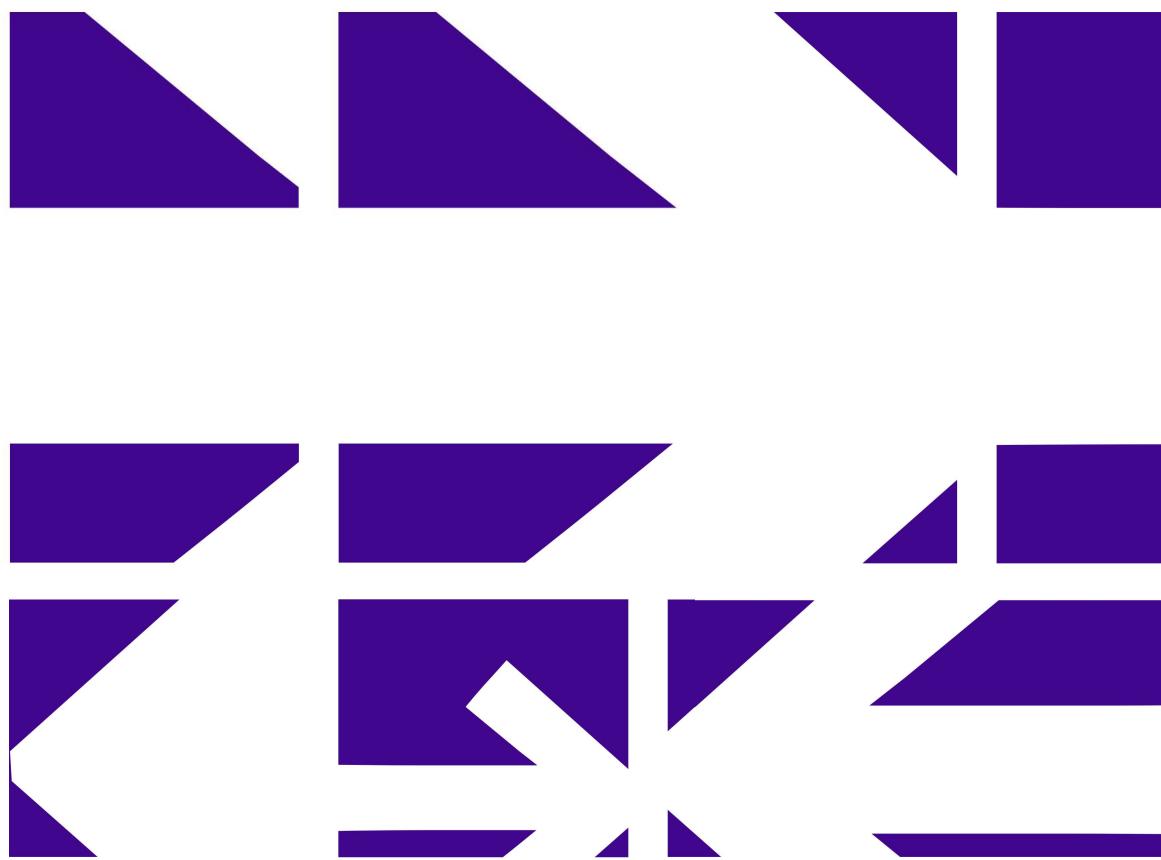


6

Visibilidade do Negro Idoso por Meio da Sociopoética¹

[Artigo 6, páginas 86 a 101]





Adailton Oliveira da Silva

Graduado em ciências da atividade física pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em ciências do envelhecimento pela Universidade São Judas Tadeu. Educador físico-esportivo no Sesc São Paulo.
adailton.caf@gmail.com

Gisele Garcia Zanca

Graduada, mestra e doutora em fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Envelhecimento e do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu.
gisele.zanca@saojudas.br

Bruna Gabriela Marques

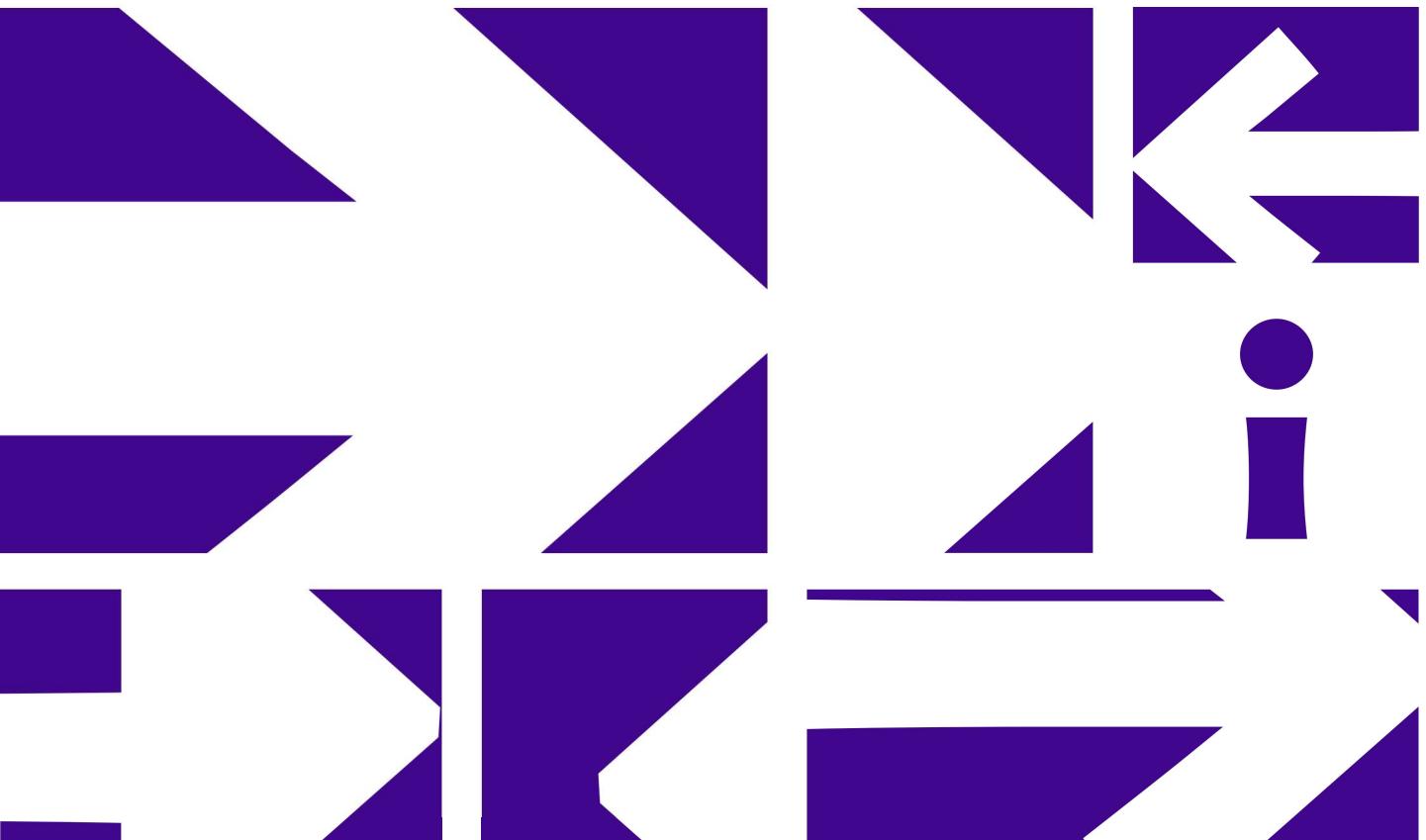
Graduada, mestra e doutora em educação física pela Universidade São Judas Tadeu. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Envelhecimento da mesma universidade.

bruna.marques@saojudas.br

João Paulo Campos

Graduado em artes visuais na Universidade Cruzeiro do Sul. Com especialização em teorias sociais e produção do conhecimento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (URFJ) e gestão escolar pela USP. Mestre em ciências do envelhecimento pela Universidade São Judas Tadeu.

joao.campos@saojudas.br



RESUMO

Este ensaio propõe a investigação qualitativa com abordagem sociopoética enquanto dispositivo capaz de evidenciar o protagonismo do negro idoso e sua forma de existir no mundo. Por se tratar de uma metodologia passível de trazer à tona o que está “invisível” na sociedade, as temáticas do envelhecimento e da negritude passam a ter a sociopoética como aliada na pesquisa científica e como uma estratégia para ampliar as possibilidades de justiça social, democratização e pluralismos nas/das práticas de pesquisa, capaz de acessar saberes e dar evidência aos discursos e corpos que compõem o grupo pesquisado. Deste modo, o trabalho busca ampliar a visibilidade do negro idoso e expandir a compreensão do tema sob uma perspectiva decolonial, tecendo um contraponto à visão hegemônica sobre o processo de envelhecimento.

Palavras-chave: envelhecimento; protagonismo; negritude; invisibilidade social.

ABSTRACT

This essay purposes the qualitative research on Sociopoetics approach as a possibility for emphasizing the protagonism of old-aged black people and their ways of existence. This approach may reveal the social invisibility about the issues of aging and blackness, bringing new perspectives on scientific research. Furthermore, it may be a strategy to expand the possibilities for social justice and plural academics points of view, evidencing the speech and the bodies that integrate the investigated group. Therefore, this work aims to expand the visibility of old-aged black people and to contribute to decolonize studies on this area, as a counterpoint to the hegemonic theories about the aging process.

Keywords: aging; protagonism; blackness; social invisibility.

INTRODUÇÃO

O Brasil foi a última colônia europeia a abolir a escravidão na América do Sul no ano de 1888 e, mesmo com mais de cem anos passados, conserva em suas entranhas as consequências desse processo traumático, que enriqueceu suas elites e relegou mais da metade de sua população ao fardo de manter-se vivendo sob as dores causadas pelo racismo. Persistem, no século XXI, as forças políticas que buscam ocultar a real dimensão das fraturas expostas desde 1888 a fim de perpetuar privilégios alicerçados na exploração, nas tragédias cotidianas e na violência brutal contra a população negra do país (ALMEIDA, 2018).

Lançada em 2019, a música *Amarelo*, do rapper paulistano Emicida, busca discutir a necessidade de o corpo negro ocupar lugares que lhe são injustamente proibidos, atualmente e ao longo da história. O artista expressou essa e outras pautas ao gravar um álbum premiado com um Grammy e um documentário produzido com base na realização de um show de rap no Theatro Municipal de São Paulo. Com o objetivo de chamar atenção para personagens e acontecimentos invisibilizados, que a maioria da população brasileira não comprehende e reconhece como história do Brasil, o conjunto de obras alcançou enorme repercussão. Com qualidades técnicas refinadas e um trabalho estético alinhado aos parâmetros de excelência na atualidade, o álbum e o documentário expressam um efusivo processo de criação do artista baseado numa postura política de enfrentamento ao racismo e numa intensa e competente pesquisa histórica. No entanto, a maioria das críticas observadas, tanto nos espectros à direita quanto à esquerda, estão baseadas no papel político das produções, mas não questionam o grau de relevância e preciosismo do trabalho como um todo.

Somente a organização e mobilização permanentes dos movimentos com âmbito cultural, social e político que denunciam, problematizam e resistem, possibilitam pautar o assunto na complexa conjuntura brasileira, marcada de forma hegemônica pela ratificação de posicionamentos racistas que resistem ao tempo e se reelaboram num triste e constante movimento, que reproduz as dificuldades de consolidação dos avanços no acesso da população negra aos direitos humanos, expressos principalmente pela violência policial, negação da educação, dos serviços de saúde, das oportunidades de trabalho. Posicionamentos dessa natureza têm se manifestado inclusive em posturas institucionais nas esferas dos três poderes e em todos os níveis, municipais, estaduais e federal, infelizmente amparados por expressivas votações alcançadas nas eleições em 2018 e 2020.

Segundo Mbembe (2016), o conceito de necropolítica demonstra como as condições de risco, doença e morte operam seletivamente em favor das políticas econômicas neoliberais e se refletem na negação das narrativas que afetam predominantemente populações pobres, negras e indígenas. O discurso racista não se fundamenta apenas na hierarquização da raça, como ocorreu no nazismo e em outros momentos da história, mas na inferiorização de certas culturas e suas manifestações na língua, religião, tradições e costumes de determinados povos ou grupos (BISOL, 2020).

A finalidade de uma fração militar, política e econômica dominante é perpetuar-se culturalmente. A cultura que busca colocar-se como homogênea e própria do “cidadão de bem” busca reproduzir-se enquanto elite, justificar o fracasso da ampla maioria da população e defender o *status quo*. Invisibilizar as contribuições, a riqueza e o papel que determinada população desempenhou no Brasil é tarefa constante da cultura dominante. Subjugam, destroem, adaptam partes a seus interesses, incorporando outras culturas como inferiores, limitando assim sua sobrevivência e o espaço que devem ocupar.

Podemos identificar na desastrosa postura da sociedade brasileira (principalmente na figura de seus governantes) no combate à covid-19 traços da chamada necropolítica (OLIVEIRA, 2020) ao observar a tentativa de privatizar a Atenção Básica à Saúde durante a pandemia, uma ausência de um plano nacional contra a doença, problemas logísticos no Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação e forte negacionismo científico e de direitos humanos (CAPONI, 2020). Notamos a materialização de práticas preocupantes de movimentos políticos de forma muito acentuada com a chegada da pandemia da covid-19: o aumento da invisibilidade de diversos grupos sociais e a consequente retirada dos direitos à cidadania plena, colocando essas pessoas, muitas vezes, sem o direito de viver, de respirar (SILVA, 2020). A condição de asfixia vivida pelas mulheres negras deixou de ser apenas uma poética e trágica figura de linguagem utilizada por Sueli Carneiro para transformar-se em literal falta de oxigênio na crise sanitária a que está exposta a população mais pobre do país (CARNEIRO, 2020).

A população negra e idosa, em especial, vem sofrendo sucessivos golpes ao longo da pandemia à medida que deve lidar com o racismo, o vírus em si e os decorrentes medos, cuidados, dores, perdas e traumas, além de estar submetida a discursos de discriminação etária. Segundo a antropóloga Mirian Goldenberg (2020), esse tipo de dis-

curso “velhofóbico” sempre existiu, com velhos considerados inúteis, desnecessários e invisíveis, mas ficou mais evidente no contexto da pandemia, visto que os idosos são considerados grupo de risco para a doença.

Buscar novas perspectivas sobre o fenômeno do envelhecimento no Brasil inclui reconhecer a importância e riqueza de sua diversidade e, nesse sentido, as perdas que estamos vivendo são inestimáveis para as culturas brasileiras. Comunidades de tradição oral, como é o caso daquelas de matrizes africanas, são atingidas de forma devastadora pela pandemia, fazendo com que se percam ainda mais elementos de cultura não hegemônica. As expressões das culturas diversas no Brasil, a resistência no campo com as práticas que nos ligam diretamente a modos de viver ancestrais e que fortalecem futuras gerações, garantem a existência de determinados saberes e constituem-se, muitas vezes, como o espaço de visibilidade dos idosos negros em nossa sociedade. Envelhecer em uma sociedade que busca a invisibilização de determinadas culturas é uma enorme conquista e cada história de pessoa parda ou preta que passou dos 60 anos no Brasil é permeada pela elaboração de multifacetadas formas de existir, criar e resistir (BOSI, 1992).

Assim, este ensaio reflete sobre formas de confrontar a invisibilidade do idoso negro em nossa sociedade, assumindo a busca por caminhos que fortaleçam o antirracismo no Brasil, inclusive no espaço acadêmico, questionando e desenvolvendo outras formas de realizar pesquisas acadêmicas. Partindo de uma epistemologia que rompe com a passividade da participação dos sujeitos/grupos pesquisados, a abordagem da sociopoética defende que aqueles que seriam somente “objetos” de estudo passem a ser coautores da investigação e do seu processo de construção, participando ativamente na produção de conhecimento, atuando como “copesquisadores” (GAUTHIER, 2016).

Com isso, as ideias de protagonismo do negro e do idoso coadunam-se neste ensaio, associando a importância da participação ativa, da valorização do corpo e do discurso das pessoas negras idosas diante da falta de representatividade, da invisibilidade e de questões sociais como a marginalização, o produtivismo e o racismo estrutural, buscando trazer esses sujeitos para o campo da pesquisa científica com ênfase no sentido ético do processo de construção dos saberes.

Este ensaio pretende analisar, portanto, a utilização da investigação qualitativa com abordagem sociopoética como um dispositivo possível para evidenciar o protagonismo do negro idoso e sua forma de existir no mundo. Por se tratar de uma metodologia passível de trazer à tona o que está “invisível” na sociedade, as temáticas do envelhecimento e da negritude passam a ter a sociopoética como aliada para a pesquisa científica e como uma estratégia para ampliar as possibilidades de justiça social, de democratização e pluralismos nas/das práticas de pesquisa, viabilizando acessar saberes e dar evidência aos discursos e corpos que compõem o grupo pesquisado.

VISIBILIDADE DO IDOSO NEGRO

Embora o Brasil possua o posto de um dos mais miscigenados países de todo o mundo (PEREIRA, 2012), tem em sua base uma ampla discriminação e invisibilidade racial, não apenas com relação à possibilidade de participação política, mas também de igualdade de direitos, igualdade social, igualdade racial e liberdade garantida a todas as pessoas. Pereira (2012) ressalta ainda que, na contemporaneidade, a negação do racismo é amparada por preconceitos fixados, que persistem em subjuguar os que são distintos, sendo por seu cabelo, posição social ou pela cor da sua pele. Assim, entre brancos e negros, as marcas da escravidão permanecem vívidas na trajetória de todos, principalmente em quem não compreendeu como conviver com as diferenças.

Além disso, o projeto de “embranquecimento” do Brasil, trazendo o apagamento e a invisibilização do negro e de sua cultura no país, foi defendido arduamente por setores sociais relevantes na primeira metade do século XX, inclusive com mobilização e apoio de setores da comunidade científica. Tendo fracassadas as tentativas do passado de estabelecer uma unicultura, a assimilação dos elementos de matriz negra e indígena passou a legitimar o mito da miscigenação harmônica entre os povos brasileiros, buscando escamotear as relações de subordinação entre culturas.

Os decretos que trazem implicitamente a questão do embranquecimento populacional no Brasil trouxeram ainda mais diferenças quanto às condições econômicas e sociais da população negra, assim como ressalta Pereira (2015, p. 28):



Cada história de pessoa parda ou preta que passou dos 60 anos no Brasil é permeada pela elaboração de multifacetadas formas de existir, criar e resistir (BOSI, 1992).

[...] pois as vagas de empregos foram sendo ocupadas por imigrantes e o acesso ao trabalho livre ficava cada vez mais restrito ao negro, que mesmo alcançando sua liberdade, não conseguia acesso ao trabalho assalariado, ficando refém da sorte em trabalhos mal remunerados e insalubres.

Assim, a trajetória de vida do negro ficou resumida ao trabalho e negros mais velhos, já colocados como improdutivos, ou aqueles que alcançavam a idade superior a 60 anos ainda no período escravocrata (devido à Lei do Sexagenário), feito surpreendente de ser realizado, chegavam à “liberdade” e eram louvados por sua capacidade de resistência e sobrevivência, trazendo com eles um vasto conhecimento histórico, cultural e ancestral.

Ao colocar negras e negros em lugar servil, forjou-se uma imagem e um entendimento de que essa era a única maneira de existência desses sujeitos na sociedade. Mulheres e homens negros são personagens principais nas lutas e conquistas deste país, tantas vezes tendo seus corpos utilizados como escudo de frente em guerras, mas são propositalmente invisibilizados pela cultura que pretende ser única (SOUZA, 2020).

Quando abordamos a questão da invisibilidade do negro, outros pontos são levantados. Por qualquer que seja a justificativa para deixar de lado o protagonismo negro na história, o que prevalece na contemporaneidade são as relações sociais marcadas por atitudes de racismo, preconceito, não reconhecimento e distanciamento pela cor da pele. Fanon (2008, p. 178) traz uma reflexão marcante sobre este tema: “(...) quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é minha cor. Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal”.

Fanon (2008, p. 178) ainda ilustra a demonização do negro na história, causando sua invisibilidade social. Em uma de suas obras, o personagem nominado “preto Juan de Mérida” expressa:

Que infâmia ser negro neste mundo! Não são os negros homens? Têm eles por isso uma alma mais vil, mais desajeitada, mais feia? E por isso ganham apelidos. Levanto-me pesado sob a infâmia da minha cor e afirmo minha coragem ao mundo... É tão desprezível ser negro?

Esse trecho, tão forte, não só demonstra a indignação, mas também a realidade do pensamento negro de tempos não tão passados, como os pensadores contemporâneos assim o quisessem. Tudo o que o negro sofreu e sofre o faz ter um questionamento de quem é ele no mundo, de que sua cor o define de uma maneira ruim e até mesmo, muitas vezes, gera uma sensação de incapacidade. Este pensamento não é só do personagem, mas reflete um pensamento social, vivido constantemente nas relações sociais mais simples, dos negros em seu cotidiano, acarretando a marginalização do negro e, assim, o apagamento de suas histórias e sua cultura.

Podemos notar que a invisibilidade perante à sociedade é relevante também quanto à pessoa idosa. Rozendo (2014, p. 162) aponta que “poucos idosos participam como protagonistas de movimentos políticos e sociais. A maioria daqueles que exercem a função de protagonistas o fazem no espaço de suas próprias casas e nas igrejas que frequentam”. Assim, o negro idoso se torna invisível socialmente, mesmo sendo protagonista dentro de sua comunidade ou de centros culturais.

Silva e Lima (2020) discutem que injustiças a respeito do envelhecimento são naturalizadas neste país por meio de práticas no campo da política, dos serviços e das instituições. Associado a isso, o racismo e o impacto que ele causa na vida das pessoas é marcante, gerando grande dificuldade da população preta e parda de envelhecer com dignidade, justiça e dentro do que se recomenda como um envelhecimento ativo. Sendo assim, o envelhecimento para o negro pode ser considerado uma grande conquista (BARROS; BRANCOS, 2017).

O processo de envelhecimento ocorre de forma muito diferente nos territórios centrais de grandes cidades, sinalizados como áreas de predominância branca e mais abastada de privilégios financeiros e sociais, e as áreas periféricas (termo, inclusive, pejorativo), compostas em sua maioria por pretos e pardos (grupos que compõem a etnia negra no Brasil), e que apresentam menor acesso a serviços, transporte e demais recursos associados a melhor qualidade de vida (BARROS, BRANCOS, 2017). No contexto da pandemia de covid-19, a desigualdade em relação a um dos direitos mais essenciais previstos na constituição

brasileira, o direito à saúde, fica ainda mais escancarada. Aspectos evidenciados por Kalache et al. (2020, p. 1):

No Brasil, mais de 80% dos idosos dependem exclusivamente, para seus cuidados de saúde, do Sistema Único de Saúde (SUS). Essa proporção é ainda maior entre negros e pobres. Há anos o SUS vem sofrendo cortes orçamentários profundos, e muitos de seus equipamentos já estavam à beira do colapso por excesso de demanda, antes mesmo da pandemia. A desigualdade é gritante [...].

É necessário enfatizar que os determinantes sociais condicionam o envelhecer e que neste processo não há equidade com relação às populações historicamente marginalizadas.

INVISIBILIDADE DO NEGRO NA ACADEMIA

Se a desigualdade e invisibilidade do negro são tão marcantes na sociedade, não é diferente no contexto acadêmico. Verling, Cruz, Mota (2017), apresentando as condições dos negros na formação do Brasil, evidenciaram relatos que datam de menos de um século e que representam o ideário social da época, citando Viana (1923), que “(...) aborda sobre o lugar do negro em um sentido biológico, animalesco, enviesado por uma visão eurocêntrica dos primórdios da civilização” (VERLING, CRUZ, MOTA, 2017, p. 2). Os autores também citam Freyre (1998), que destaca o protagonismo do negro em seu sentido cultural, porém não ainda como indivíduo (VERLING, CRUZ, MOTA, 2017). Carneiro (2005) aplica os conceitos de dispositivo e de biopoder elaborados por Michel Foucault ao domínio das relações raciais. A autora traz um conceito de grande relevância a esse assunto, o epistemicídio, se baseando na ideia de Boaventura de Sousa Santos (1997):



É necessário enfatizar que os determinantes sociais condicionam o envelhecer e que neste processo não há equidade com relação às populações historicamente marginalizadas.

[...] o epistemicídio se constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, consequentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento (CARNEIRO, 2005, p. 96).

Ou seja, o negro tem seu conhecimento suprimido por esse sistema de dominação étnico/racial e é negado como forma de saber válido no meio social e na academia. Pinn (2019, p. 144) também agrupa saberes para a compreensão do epistemicídio:

O espaço acadêmico foi e ainda é um território mantido e dominado majoritariamente por pessoas brancas, no qual a população negra encontra-se relegada a posições subalternas. Uma estrutura racializada mantida por concepções e práticas racistas estruturantes não apenas no nível da “sociologia conhecimento”, mas igualmente da epistemologia.

Embora em culturas de matrizes africanas as pessoas idosas sejam consideradas fontes de sabedoria, importantes para a transmissão intergeracional do conhecimento, no contexto acadêmico essas pessoas não têm este papel reconhecido. Esta invisibilidade não é só de pensadores negros, mas também do pensamento afrocentrado. Para que essa cultura seja de fato representada é fundamental que sejam utilizadas abordagens metodológicas de cunho participativo, que proporcionem a construção coletiva do conhecimento.

A SOCIOPOÉTICA COMO DISPOSITIVO DE PESQUISA

Elaborada em seus componentes originais por Jacques Gauthier há mais de 25 anos, a sociopoética surgiu como uma maneira de “superar obstáculos que limitam consideravelmente as pesquisas qualitativas em ciências humanas e sociais” (ADAD, 2014, p. 44). Esses obstáculos estão na relação de poder do pesquisador com relação ao pesquisado e na unilateralidade dos saberes quando se fala das pesquisas mais tradicionais.

Sendo assim, a sociopoética é um recurso de valorização, reconhecimento e protagonismo dos sujeitos da pesquisa por meio dos saberes produzidos, criação, expressão artística e sua narrativa. No campo da produção de conhecimento, a sociopoética parte dos seguintes princípios: “(...) o grupo-pesquisador como dispositivo; a importância do corpo como fonte de conhecimento; o papel da criação artística no aprender, no conhecer e no pesquisar; e a ênfase no senti-

do ético no processo de construção dos saberes” (SILVEIRA et al. 2008, p. 875). Santos (2005) defende a sociopoética como um método que sustenta a construção coletiva de conhecimento pelos pesquisadores e sujeitos da pesquisa (neste caso, os corresponsáveis), partindo do pressuposto que todas as pessoas carregam consigo saberes (emocional, sensível, intuitivo, intelectual, prático, gestual, teórico), transformando o ato da pesquisa em um acontecer poiético (do grego *poieses* = criação).

Conforme defendido por Jacques Gauthier (2012, p. 27), “a primeira orientação para a sociopoética é o grupo-pesquisador”. O grupo-pesquisador envolve os corresponsáveis pela produção de dados, ressaltando que a construção do conhecimento se faz de forma coletiva e cooperativa. Um grupo é constituído a partir de um convite para a discussão de um tema, o qual pode ser proposto pelo pesquisador oficial, por demanda do próprio grupo ou a partir de uma negociação entre os interesses de ambos (SILVEIRA et al., 2008). O grupo-pesquisador é, portanto, parte atuante em todo o processo, participando ativamente da produção, da análise e da socialização dos dados. Esse processo permite que a pesquisa acadêmica seja permeada por uma apropriação por parte de um grupo a respeito de determinado tema que seja relevante para os participantes. O negro idoso como parte do grupo-pesquisador torna-se parte integrante de um fazer, realizador no processo de criação de conteúdo, fomentando seu protagonismo e sua visibilidade, tanto no meio acadêmico como na sociedade, como possuidor de um saber válido e reconhecido.

A segunda orientação é “a valorização das culturas populares e de resistência” (GAUTHIER, 2012, p. 29). Estudar as perspectivas do envelhecimento de uma população que sofre diariamente os efeitos de um sistema econômico global baseado na falta de direitos, no racismo, no patriarcalismo e na maior exploração do trabalho é também buscar contribuir para que essa população encontre nas suas próprias formas de resistência a esse processo secular as bases para transformações que garantam a existência de um futuro. Este é um presente histórico que clama por visões emancipatórias, por visões que inspirem investigações transformadoras e por investigações que possam fornecer autoridade moral para mover as pessoas a lutar e resistir à opressão (DENZIN, 2018). A sociopoética, assim, é uma tentativa de contrariar o modelo positivista de ciência, sem simplesmente descrever os “dados coletados”, mas produzindo uma representação teórica da realidade estudada, integrando aspectos de sua organização e processualidade, proporcionando que não seja evidenciada apenas a



A sociopoética é um recurso de valorização, reconhecimento e protagonismo dos sujeitos da pesquisa por meio dos saberes produzidos, criação, expressão artística e sua narrativa.

visão do pesquisador sobre as culturas populares e de resistência, que aqui colocamos como a cultura do negro idoso.

As terceira e quarta orientações para a sociopoética baseiam-se em “mobilizar todos os recursos do corpo para produzir dados: as sensações e a sensibilidade, a intuição, as emoções, a razão, as gestualidades, a dança, o imaginário” (GAUTHIER, 2012). A utilização do corpo como fonte de saberes revela o potencial humano para expressar: sensação, emoção, gestualidade, imaginário, intuição, pensamento e razão, valorizando os “confetos” produzidos pelo grupo-pesquisador. O neologismo “confetos” foi criado por Jacques Gauthier (2012) e significa conceito+afeto, ou seja, a união de pensamento e sentimentos.

A quinta orientação tem por base a “responsabilidade política, social, ética, cognitiva e espiritual do grupo-pesquisador no desenvolver da pesquisa e na sua exploração” (GAUTHIER, 2012, p. 35). Sendo assim, o grupo-pesquisador tem total direito de requerer que certos dados não sejam divulgados, pois possivelmente tocariam aspectos muito sensíveis a eles. Além disso, tem direito de pedir que a pesquisa possa servir aos interesses da comunidade e não somente à carreira do pesquisador acadêmico. Gauthier (2012, p. 35) relata como exemplos o desdobramento da pesquisa em “peça de teatro conscientizante, mostra fotográfica, vídeo, literatura de cordel etc.”. Embora esse ponto não fique muito claro, os exemplos trazidos pelo autor acabam não sendo uma forma de servir à comunidade, mas talvez uma forma de divulgação do trabalho e da comunidade.

Na fundamentação teórica da sociopoética, encontram-se a pedagogia do oprimido de Paulo Freire, a escuta mitopoética de René Barbier, o teatro do oprimido de Augusto Boal, a análise institucional de René Lourau e a esquizoanálise de Giles Deleuze e Felix Guattari. Para este ensaio, destacamos as ideias de Freire (1987) e de Boal (1988) na medida em que fazem uma ligação direta com o tema abordado e permitem a compreensão da amplitude da proposta.

Para Freire (1987), uma das expressões mais latentes da opressão é a tomada dos oprimidos como objeto de estudo pelos opressores, demarcando assim um posicionamento de superioridade e suposta

generosidade. Apropriadam-se das falas e das interpretações, delineando assim as narrativas que reafirmam o modo de pensar e agir do colonizador. Segundo Freire (1987), o oprimido deve subverter essa forma de construção de conhecimento em todos os aspectos, inclusive na composição do grupo-pesquisador. O autor não propõe apenas mudanças no enfoque dos objetos de pesquisa, mas sim a construção de conhecimentos de forma coletiva e compartilhada ao criar os grupos-pesquisadores, que serão objeto e analista ao mesmo tempo. Na mesma direção, Boal (1988) ajuda a construir um método teatral em que a dramaturgia é elaborada e materializada pelas pessoas que sofrem as opressões cotidianas, o conjunto de mazelas que impede a maioria da população brasileira de conceber uma ideia de vida livre e democrática. Conforme, Campos (2014, p. 557):

O drama é real e estético, teatral e cotidiano, com características próprias que visam facilitar o diálogo com a plateia. No Teatro do Oprimido, os espectadores passam a ser espect-atores, pois, em vez de afastados da cena e alienados na identificação catártica acrítica, são convidados a participar debatendo e apresentando suas saídas para as situações-limite encenadas.

Assim, a sociopoética, ao desenvolver uma postura dialógica, buscando uma igualdade entre todas as informações dos membros do grupo e facilitadores da pesquisa, orienta-se pelos princípios, já explicitados, que são aplicados simultaneamente com seus fundamentos teóricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate sobre o envelhecimento no Brasil possui enormes desafios a enfrentar. A investigação científica nacional ainda é escassa e não organizada em centros produtores, o que nos faz sofrer influência exagerada da pesquisa de âmbito internacional, nos levando a reproduzir preconceitos e atender a poderosos interesses da indústria biomédica. Uma das formas de oxigenar esse debate é reconhecer que, enquanto fenômeno, o envelhecimento não é único, mas é diverso em seus múltiplos aspectos. Na busca de transformar essa premissa em método de pesquisa, a abordagem de pesquisa qualitativa da sociopoética apresenta recursos poderosos.

Reconhecer e valorizar a diversidade das formas de envelhecer na sociedade brasileira é buscar outros olhares, outras vozes, num movimento de desasfixia das populações idosas condenadas à invisibilidade. O protagonismo do idoso negro no século XXI parece passar invaria-

velmente pela defesa dos direitos humanos e pela luta antirracista, mantendo-se, ao mesmo tempo, guardião de ricos saberes e propagador das expressões de seu povo. O desafio colocado para a população negra do Brasil passa pela luta pelo reconhecimento da riqueza da sua história e de sua enorme e permanente contribuição para nossa sociedade.

O enfrentamento ao “apagamento histórico” e à invisibilização da população negra são pré-requisitos para uma sociedade que busca sedimentar o caminho da garantia e ampliação dos direitos humanos à toda população. Caminho esse pavimentado na construção de nossa Carta Constitucional de 1988, que parece estar sob sério risco. O pensamento acadêmico, comprometido com os objetivos para o desenvolvimento sustentável das Nações Unidas, tem como labor identificar discursos, investigar o passado, analisar o cotidiano, observar as tendências, levantar perspectivas e projetar as bases que manterão uma sociedade minimamente saudável. Nesse sentido, é urgente a compreensão das relações de poder que conseguem invisibilizar populações “não úteis” ou “subversivas” ao olhar neoliberal, esse arcabouço de políticas que determinam o funcionamento de nossa sociedade em crise de rumos no século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAD, S. J. H. C.; PETIT, S. H.; SANTOS, I. dos; GAUTHIER, J. (org.). *Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética*. Fortaleza: Ed.UECE, 2014.
- ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BARROS, C. S.; BRANCOS, S. I. D. *Envelhecimento da população negra, desigualdade racial e qualidade de vida*, 2017. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170920124107.pdf. Acesso em: 11 out. 2020.
- BISOL, B. Racismo, corpo e liberdade: a filosofia do hitlerismo no Brasil hoje. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 76, p. 126-141, 2020.
- BOAL, A. *O teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- BOSI, A. *A dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CAMPOS, F. N.; PANUNCIO-PINTO, M. P.; SAEKI, T. Teatro do oprimido: um teatro das emergências sociais e do conhecimento coletivo. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 3, p. 552-561, 2014.
- CAPONI, S. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 99, p. 209-224, 2020.
- CARNEIRO, A. S. *A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- DENZIN, N. Investigação qualitativa crítica. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, v. 13, n. 1, 2018.

- DOLCE, J. Lutar contra a velhofobia é lutar pela nossa própria velhice. *A Pública*, 19 jun. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/06/mirian-goldenberg-lutar-contra-a-velhofobia-e-lutar-pela-nossa-propria-velhice/>. Acesso em: 19 fev. 2021.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GAUTHIER, J. *O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais*. Curitiba: CRV, 2012.
- GAUTHIER, J. Sociopoética e formação do pesquisador integral. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, v. 4, n. 1, 2016.
- KALACHE, A. et al. Envelhecimento e desigualdades: políticas de proteção social aos idosos em função da pandemia de covid-19 no Brasil. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 23, n. 6, 2020.
- MBEMBE, A. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, n. 32, 2016.
- OLIVEIRA, R. J. Segregação racial e desigualdades urbanas nas cidades brasileiras: elementos para uma observação da necropolítica. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 12, n. 34, p.131-156, 2020.
- PEREIRA, O. M. L. A dor da cor: reflexão sobre o papel do negro no Brasil. *Cadernos Imbondeiro*, v. 2, n. 1, 2012.
- PEREIRA, N. D. *A trajetória histórica dos negros brasileiros: da escravidão a aplicação da lei 10.639 no espaço escolar*. Monografia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/52792>. Acesso em: 6 mai. 2021.
- PINN, M. L. G. Beatriz Nascimento e a invisibilidade negra na historiografia brasileira: mecanismos de anulação e silenciamento das práticas acadêmicas e intelectuais. *Aedos*, v. 11, n. 25, p.140-156, 2019.
- ROZENDO, A. S. *Protagonismo político e social na velhice*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- SANTOS, I. Sociopoética: uma ponte para cuidar/pesquisar em enfermagem. *Index de Enfermaria*, v. 50, p. 35-37, 2005.
- SILVA, A.; LIMA, K. C. Pelo direito de envelhecer: racismo e população negra. *SciELO em Perspectiva: Humanas*, 2020. Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2020/06/24/pelo-direito-de-envelhecer-racismo-e-populacao-negra/>. Acesso em: 23 out. 2020.
- SILVEIRA, L. C. et al. A sociopoética como dispositivo para produção de conhecimento. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 12, n. 27, p. 873-81, 2008.
- SOUZA, V. P. *Como falar de coisas invisíveis? Dramaturgias de vidas negras como convocatórias estéticas nas performances de mulheres negras*. Dissertação (Mestrado em Dança), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- VERLING, Y. S.; CRUZ, I. S.; MOTTA, E. Raça e cultura: o protagonismo do negro na formação histórica-social-geográfica no Brasil. III Encontro Nacional de Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (Neab), Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) e grupos correlatos da Rede Federal de Educação Profissional Tecnológica (Enneabi), 2017. Campos dos Goytacazes. *Anais do III Enneabi*, 2017. Disponível em: http://enneabi.iff.edu.br/ckeditor_assets/attachments/45/raca_e_cultura_o_protagonismo_do_negro_na_formacao_historica-social-geografica_no_brasil.pdf. Acesso em: 19 fev. 2021.